

O labirinto

François Baradez



Delfim, a obra de José Cardoso Pires, que foi publicada pela primeira vez em 1968, e cuja 10.^a

edição saiu ultimamente nas Publicações Dom Quixote, parece-me conquistar um lugar característico na produção literária portuguesa da segunda metade do séc. XX.

Não é, com efeito, e de longe, uma obra vulgar, na medida em que esta narrativa de um crime (crimes que desde há séculos, com reflexo de avestruz, a humanidade

a precaução de segurar a ponta do fio de Ariane.

Esta profunda reflexão sobre os temas do amor e da morte, parece ter sido voluntariamente concebida pelo autor como uma «estalagem espanhola», em que, sabêmo-lo, cada um consome apenas o que quis levar.

É um brilhante exercício de estilo bastante impregnado das nostalgia do passado: «Antigamente, em tempos mais felizes...». Página após página, pres-

Esta lagoa — «que é abundância e toda a abundância traz castigo» — enorme massa de água que deveria ser berço de vida, será, no caso, instrumento de morte.

De passagem é evocado o problema da esterilidade: «Dentro vem o mal que impede os frutos? Da esposa inabitável ou da sempre que não tem força para viver dentro dela?».

À noite também é atribuído um papel importante: «Dentro em breve vai render-se à noite, que é a face comum do universo, aconchegar-se nela, preencher os buracos e as rugas com escuridão.».

Vale a pena citar algumas linhas literariamente fúndidas no bronze e consagradas a uma lagartixa: «Uma lagartixa parda, imóvel, parecia um estilhaço de pedra sobre outra pedra maior e mais antiga, mas como todas as lagartixas, um estilhaço sensível e vivaz debaixo daquele sono aparente. Pensei: o tempo, o nosso tempo amesquinhado.».

«Como pesa o tempo vencido sobre quem se aventura a recompor», podemos ler no final da obra.

Este belíssimo exercício sobre «a curiosidade, a terrível curiosidade» é, em suma, uma perfeita ilustração do que escreveu George Bernanos (1888-1948): «Vejo agora que cada crime criado à sua volta como uma espécie de turbilhão atrai invencivelmente para o seu centro, inocentes ou culpados, e de que ninguém seria capaz de calcular antecipadamente nem a força nem a duração.».

Eduardo Prado Coelho, no seu prefácio a *O Delfim*, intitulado *O Círculo dos Círculos*, tem toda a razão em sublinhar: «Críticos e ensaístas procuram decifrar, mas o prazer do leitor vem desse informúlável que fica EM SUSPENSO no corpo vivo do texto.».

Este livro, que já foi editado no Brasil, em França, em Espanha, na Alemanha, em Itália, na Polónia, na Checoslováquia, na Finlândia e na Roménia, honra as letras portuguesas.

F I G U R A S

CARDOSO PIRES CARDOSO PIRES

entrevista conduzida por
ARTUR PORTELA



13



PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

insiste em pretender que não são perfeitos) cuja arma é o amor, desenrola-se de maneira, por assim dizer, irracional, ao ponto de sentirmos rapidamente a impressão de, sermos — à procura da chave de um enigma — lançados num labirinto, sem termos tomado

sentimos o pape importante atribuído a uma lagoa da vizinhança: «Lagoa, para a gente de aqui, quer dizer coração, refúgio de abundância. Odre. Ilha de água cercada de terra por todos os lados e por espingardas da lei.».